

AS PARTICULARIDADES DOS ESCRAVOS NOS INVENTÁRIOS PIAUIENSES DE MEADOS DO SÉCULO XIX: O CASO DE CAMPO MAIOR

Carlielton Macambira de Sousa*

Francisca Maria Neves Barroso*

Introdução

Este trabalho trata da caracterização de escravizados nos inventários piauienses quando avaliados durante o processo de divisão de bens, para chegarmos aos resultados destes dados tivemos como base análises de inventários de três proprietários, Benedito José do Rego (1846), Archangela Pulguna Castelo Branco (1852) e Simplício da Silva Cardoso (1852), todos da cidade de Campo Maior sertão do Piauí, sendo estes do século XIX, ambos encontrados no Arquivo Público do Estado do Piauí-APEPI casa “Anísio Brito” na capital Teresina.

Para se entender como poderíamos perceber os escravos no inventário, sendo que este o nosso enfoque, é interessante antes descrever o passo a passo sobre os inventários, desde o arrolamento¹ e a avaliação dos bens, sua divisão e a partilha dos bens entre os herdeiros, mas aqui nos deteremos na parte em que são destacados os escravizados, para assim, confrontar os valores entre os três inventários da cidade de Campo Maior, e assim, entender o porquê das diferenças dos valores que são descritos nestes documentos, e perceber as nações, ou os diferentes grupos étnicos da África que foram escravizados aqui no Brasil, e em particular em Campo Maior XIX.

* Graduando do curso de Licenciatura Plena em História pela Universidade Estadual do Piauí – UESPI, Campus Heróis do Jenipapo – Campo Maior – PI, bolsista do PIBID Interdisciplinar “Travessias Atlânticas”, e pesquisador do Grupo de Estudos Afro – GEA/NEAFRICA-PI. E-MAIL: carlieltionsousa@hotmail.com

* Graduanda do curso de Licenciatura Plena em História pela Universidade Estadual do Piauí – UESPI, Campus Heróis do Jenipapo – Campo Maior – PI, bolsista do PIBID de História, e pesquisadora do Grupo de Estudos Afro – GEA/NEAFRICA-PI. E-MAIL: fransquinha_neves@hotmail.com

¹ Estrutura simples de um inventário; descrição simplificada dos bens de uma pessoa.

Dessa forma, esse trabalho irá pontuar a relação comercial para com os escravizados encontrados nestes inventários, a partir de análises dos mesmos, dos escravizados diretamente trazidos da África ou não foram encontrados os crioulos, mulatos, africanos e alguns que não tiveram sua identificação no documento, bem como perceber também se eram descritos suas eventuais profissões e caracterizações diversas como, se estavam saudáveis ou enfermos, se faziam algum tipo de trabalho específico, pois a maioria dos escravizados africanos que para aqui vieram, alguns tinham seus trabalhos específicos, como por exemplo, nos fala (BARROSO JÚNIOR, 2009, p 79 - 106.), “os escravizados da Guiné eram práticos no cultivo do arroz”, e assim, com esses confrontos de informações nos inventários, buscaremos descrever e a flutuação do preço em decorrência da avaliação dos escravizados, percebendo também o que diferenciava os valores dados a cada escravizado, pois os valores decorrem de como estavam fisicamente, se existiam alguns com doenças ou se estavam sãos.

Como funcionavam os inventários?

O uso dos inventários foi uma prática comum no Piauí do século XIX, pois foi através destes tipos de documentos que os senhores e senhoras tinham suas heranças registradas, seus bens, e bens estes que poderiam ser, imóveis, mobiliário, terras, gados, ferramentas, roupas, escravizados e outros, vale ressaltar que nos inventários o último item que vem são os escravizados, pois anterior a eles era tudo o que o senhor avaliava como mais importante.

Os inventários que trabalhamos se encontram no Arquivo Público do Estado do Piauí - APEPI, “Casa Anísio de Brito” na capital Teresina, lá temos registrados e guardados alguns inventários que correspondem ao recorte da pesquisa, a utilização destes documentos foi para serem registrados todos os pertences do inventariado. Pode ser percebido que esta prática de documentar os bens eram uma característica das famílias que tinham muitos bens, mas não eram todos que tinham acesso a este documento, pois as famílias de elite estavam mais habituadas com determinada prática, sendo assim os inventários irão estar mais presentes no cotidiano das famílias mais abastardas. O ato de fazer o inventário era quando o inventariante estava próximo de sua morte, e no caso, este queria registrar seus bens para deixá-los como herança para sua família.

Este documento funcionava como espécie de um testamento, nele, a pessoa que estava fazendo o documento era o inventariado e as pessoas do cartório eram os inventariantes, segundo Priscilla Bitar D’Onofrio, advogada sócia do escritório Almeida Guilherme Advogados, em seu artigo, “*aspectos gerais da qualidade de Inventariante*” diz que:

A figura do inventariante é de suma importância no procedimento de transmissão da herança. O inventariante tem a incumbência de dirigir e organizar o espólio, arrecadando os bens, conservando-os e administrando-os até a entrega de cada porção aos herdeiros. (D’ONOFRE; NAMORAT, 2015. P 01).

Estes ficavam responsáveis por cuidar do patrimônio dos herdeiros, e era por meio deles que os chefes de família tanto homem, como à mulher faziam o seu inventário de bens, nele documentava-se suas propriedades como citado anteriormente, os bens mais registrados eram os imóveis, terras, fazendas, animais, os mobiliários, objetos de ouro e de prata, neles registravam-se também sua alimentação, os vestuários e por fim vinham descritos os escravos que esse inventariado tinha. De um modo geral, tudo o que pertencia a estes senhores eram relatados em documentos como estes, assim, esses documentos ficaram sendo os chamados, inventários.

No caso estudado, que é perceber o escravizado nos inventários, para se entender como poderíamos chegar a tal fim, é interessante antes de tudo descrever o passo a passo sobre os inventários, ou seja, mostrar como estava dividido, e como os bens foram aparecendo, no que tange aos escravos, estes só começam a aparecer logo no final do documento quando já estava quase tudo dividido.

Para nos situar sobre como funcionava deste documento começaremos falando da divisão do mesmo, que era três partes e para entender isso, parto das ideias de Antonia da Silva Mota (2012), que também trabalhou com inventários na sua obra: “*As famílias principais de poder no Maranhão colonial*”. Na primeira, temos o início que é quando vem o termo de abertura, na qual aqui é apresentado quem são os inventariantes e quem é o inventariado.

A segunda parte é quando começa a descrever os bens, no qual, tudo que pertencia ao dono (a) do inventário deveria aparecer aqui para poder fazer uma avaliação, ou seja, saber o que se tinha deixado e qual o seu valor, é nesta parte também que percebemos como era a fortuna que o inventariado tinha com os seus escravizados. Na terceira parte, temos as divisões dos bens por item, ou seja, é a partilha dos bens entre os herdeiros, tudo o que é acordado durante a criação do inventário ainda quando o

inventariado está vivo, deve ser mantido depois de morto, nos casos quando se tinham herdeiros menores de idade, apareciam os Juízes de Órfãos, esses juízes de Órfãos eram quem ficavam designados a defender o patrimônio deixado aos herdeiros da qual ele seria o representante. (MOTA, 2012)

Nestes inventários eram descritos as dívidas que estes senhores e senhoras contraíam com outras pessoas, ficando assim a cargo dos herdeiros quitarem estas dividas que eram feitas enquanto estavam vivos, mas tinham também as contas a receber, da qual por meio destas eram que se quitavam as dividas contraídas ainda em vida.

Ainda sobre o inventariado pode ser analisado qual a sua participação nos setores da sociedade, já que no inventário se descrevia de que eram compostas as riquezas das famílias, bem como a quantidade de terras e o que era cultivado nestas terras, mas aqui nos deteremos no caso de perceber que o tamanho das propriedades mostrava que se fazia necessário com um maior número de terras, mas mão de obra escravizada seria necessário para cultivar tais terras, e estes que as cultivavam eram os escravos africanos, que dentro dos inventários, embora sendo eles os cultivadores escravizados nestas terras, eles aparecem por ultimo, sendo que os bens de mais valores considerados por seus senhores viriam primeiro, já os escravos, eram os últimos descritos no inventário, (MOTA, 2012, p 69 - 70).

Os escravizados nos inventários de Campo Maior-PI em meados do século XIX

Neste trabalho, utilizamos três inventários encontrados no APEPI, sendo um do ano de 1846 do senhor Benedito José do Rego, e dois do ano de 1852, sendo um dos donos, a senhorita Archangela Pulguna Castelo Branco e o outro o senhor Simplício da Silva Cardoso, neste caso aqui chamo a atenção para a senhorita Castelo Branco, pois sendo mulher e solteira, também teve seus bens registrados nos inventários, mesmo sendo que questões de documentação estavam mais restritos a figura do homem, mas cabe ressaltar aqui que, poderá talvez termos este inventário, por que Archangela Pulguna fazia parte de uma das famílias de elite da sociedade campomaiorense, que era a família dos “Castelo Branco”, na qual entre esta família e a família dos “Bernardo de Carvalho” há uma forte discussão a cerca de qual família começou a povoar a Freguesia de Santo Antonio do Surubim, hoje a denominada cidade de Campo Maior.

Nas análises destes três inventários foram encontrados 63 escravos que serão descritos por ordem dos inventários citados no início deste trabalho, pois tudo que era necessário saber sobre os escravos vinham descrito no inventário, pois lá descreviam seu nome, que na maioria das vezes chegavam às fazendas com o primeiro nome que eles tinham na África, após isso eles recebiam o sobrenome do senhor de engenho, e com isso permite-se observar a questão de serem tratados como “propriedades”, pois é como Benedito Souza Filho nos afirma através da fala de David Brion Davis que,

Como instrumento prático e movente, o escravo absolutamente submetido por formas diferenciadas de controle, é destituído de liberdade, de livre arbítrio, o que faz com que reúna três características de sua condição: não ter autonomia, não ter vontade, viver submetido. (SOUSA FILHO, 2013, p. 26)

Pois após chegar á fazenda adquiria o sobrenome do seu proprietário, e aquele que era livre, passa a não ter sua liberdade, tudo é regido por um dono da qual antes ele não tinham. Os escravizados quando aqui chegaram sofreram inúmeros tipos de violência, mas a que os condicionava a ser “propriedade” de uma pessoa era a que tirava o seu ser livre.

Em alguns inventários temos registrados a qual etnias eles pertenciam, que a partir daqui poderemos percebermos de qual região da África o escravo ou a escrava vinha, isto é, quando se tem essa descrição, após isso vem a sua idade, era de suma importância saber, pois pela idade se percebe se os mesmos estão aptos para o trabalho tanto nas lavouras como na casa grande, vinham descritos também o sexo, e em alguns casos a cor e sua condição para o trabalho, no caso deste estar doente, seu valor era diminuído, pois suas enfermidades designava a quantia que o escravo valia. No caso dos três inventários analisados as únicas informações que apareceram foram sobre o nome dos escravizados, a nação, a idade, o sexo, o preço e no caso do escravizado estar enfermo ou são eles descreviam ao lado ou junto com a descrição geral, este tipo de informação foram encontradas nos três inventários estudados.

Benedito José do Rego

No que diz respeito ao inventário de Benedito José do Rego do ano de 1846, pois aqui nos deteremos na parte em que são destacados os escravos, para assim, confrontar os valores entre os mesmos escravizados e entender o porquê dos valores.

Dessa forma, esse trabalho irá pontuar a relação comercial para com os escravos africanos, crioulos, mulatos, bem como eventuais profissões e caracterizações diversas.

No inventário foram encontrados 07 escravos, sua faixa etária é de 03 a 70 anos, entre estes temos 02 são Crioulos, 02 não apresenta de onde são e 03 são de uma nacionalidade que aparece, mas não é identificada, dividido por sexo temos 04 homens e 03 mulheres, sobre a saúde dos mesmos são descritos que uma escrava esta cega e um doente de nome Justino (não identificado) de 03 anos e avaliado em 80 mil reis, os nomes dos outros escravizados do inventário eram, Victorio (não identificado) de 40 anos e avaliado em 300 mil reis, Delfino (não identificado) de 14 anos e avaliado em 260 mil reis, Francisco (não apresenta a nacionalidade e nem sua idade), e ao lado do seu nome se encontra dizendo que o mesmo tem carta de liberdade, as mulheres são, Ana Crioula tem 70 anos e esta avaliada em 40 mil reis, Maria Crioula tem 35 anos e esta avaliada em 40 mil reis e Florinda (não apresenta a nacionalidade) tem 21 anos e esta avaliada em 400 mil reis. Assim a fortuna obtida de Benedito Rego na soma dos seus escravos é de 1,120 um conto e cento e vinte mil reis.

Podemos, ainda, observar no caso da escrava Ana Crioula que tem 70 anos, a decorrência do seu valor em 40 mil reis é por causa da sua velhice, e sendo esta velha não teria mais serventia para o trabalho nem na casa grande e nem no “eito”, e no caso da escrava Maria Crioula, embora tendo 35 anos ela tenha o mesmo valor que a escrava Ana Crioula, isto se dá por que a mesma se encontra cega, e assim como o escravo Fernando Crioulo do inventário de Archagela Pulguna tinha baixo valor por causa de sua cegueira neste inventário não foi diferente, já que com essa enfermidade não se podia estar inseridos em nem um tipo de trabalho, talvez até tivessem que colocar outro escravo para cuidar do escravo cego, um fato que nos chama a atenção é para o escravo Justino de 03 anos que não é identificado de onde é e ainda por cima está doente, não se diz qual é sua enfermidade, mas o mesmo se encontra avaliado em 80 mil reis, chegando a valer até mais que Ana e Maria Crioula, mas isso se deve rever por que uma já é velha e a outra está doente (cega) e o escravinho ainda é novo e dias a frente quando este já estiver um escravo adulto chegará a valer bem mais caro.

Archangela Pulguna Castelo Branco

Já no inventário da senhora Archangela Pulguna Castelo Branco de 1852 foram encontrados 12 escravos, sendo que apareceu um “escravinho” de nome João

com um ano de idade que se registrava como falecido, mas mesmo assim o mesmo se encontrava avaliado no valor de 60 mil reis, no que tange ao sexo dos escravos foram encontrados 08 escravas sendo 04 crianças, uma chamada Candida Crioula de 10 anos avaliada em 250 mil reis, uma escravinha chamada Predicanda de nação Cafur de 09 anos de idade e avaliada em 270 mil reis, e as outras duas com 02 anos, uma chamada Isabela Crioula avaliadas em 150 mil reis, e a outra é a escrava Esculastica, não se registrava de qual nação, mas a mesma estava avaliada em 140 mil reis, supõem-se que os 10 mil reis a menos seja pela falta de informação dada para a nação não definida, as outras 04 escravas de nomes Eulália Crioula de 28 anos avaliada em 400 mil reis, Secunda Crioula de 28 anos avaliada em 350 mil reis, Paula Cafur 38 anos avaliada em 350 mil reis e a escrava Gorgonha Crioula 38 anos avaliada em 300 mil reis. Sobre os escravos foram encontrados 03 homens de nome Lucio Mulato de 16 anos avaliado em 300 mil reis, Fernando Crioulo 25 anos avaliado em 70 mil reis por estar doente dos olhos, ao se falar dos escravos nos inventários é interessante ver que quando estes traziam algum tipo de enfermidades, estes eram comercializados mais baratos, já nos casos dos escravos especializados, ou seja, aqueles que tinham bom êxito em determinados tipos de trabalhos chegavam a serem avaliados bem caros, pois, estes já se sabiam onde colocá-los para trabalhar, e o escravo Antonio Crioulo de 40 anos avaliados em 300 mil reis. Assim a fortuna obtida de Archagela Pulguna na soma dos seus escravos é de 2.940 dois conto, novecentos e quarenta mil reis.

Neste inventário encontramos a situação de saúde de 06 escravos, porém os outros não foram indicados como estavam, mas se formos comparar com os valores, aqueles escravos que estavam doentes o seu valor era muito baixo e no que tange aos outros escravos que não dizem sua condição estão avaliados nos valores de 140 a 400 mil reis, assim supomos que também estão bem de saúde, dos 12 escravos, tinham 08 Crioulos, 02 Cafur, e um Mulato e uma não identificada que é a escrava Esculastica, a faixa etária de seus escravos eram de 01 a 40 anos, no caso das crianças escravas há uma diferença de valores entre a escravinha Candida Crioula de 10 anos e a Predicanda Cafur de 09 anos, embora mais nova Predicanda Cafur valha mais que cândida Crioula, isso se dê talvez por causa das diferenças de nação, e a Cafur que é o mesmo que Cafuzo significa nascido de preto com mulata.

É importante destacar, ainda, que no inventário de Archagela Pulguna a situação escravo Fernando Crioulo doente dos olhos, apesar de sua idade de 25 anos o escravo só esta avaliado em 70 mil reis, por causa desta sua enfermidade, já o escravo

Lucio Mulato de 16 anos também se encontra doente e esta avaliado em 300 mil reis, só que a sua moléstia é da perna, por isso é que são 230 mil reis a mais que o escravo Fernando Crioulo, pois a enfermidade deste escravo não tem cura e para o seu senhor era um escravo inútil, já que no trabalho do dia a dia, a visão é muito necessária.

Simplício da Silva Cardoso.

Neste último inventário de 1852, foram encontrados 44 escravos, sendo 42 homens e 02 mulheres, a faixa etária entre seus escravos é de 01 a 70 anos, as nacionalidades destes eram, 20 escravos Crioulos, 06 Africanos, 11 que aparecem a nacionalidade, mas não é identificado de onde é, 02 Mulatos, 03 Cafur e 02 que não tem a nacionalidade, como neste tem mais escravizados utilizamos uma tabela para descreve-los.

Tabela: Escravos de Simplício da Silva Cardoso

ESCRAVOS/ETNIA	IDADE	AVALIADO EM:
Garcia Africano	55 anos	150 mil reis
Mauricio Crioulo	55 anos	150 mil reis
André Crioulo	57 anos	160 mil reis
Lúcio Africano	50 anos	250 mil reis
Francisco Longá Crioulo	48 anos	120 mil reis
Gregório Crioulo	46 anos	350 mil reis
João Theodózio Africano	66 anos	250 mil reis
Joaquim Muniz Africano	45 anos	240 mil reis
José Cazacão Africano	46 anos	200 mil reis
Fernando Crioulo	35 anos	400 mil reis
Calito Crioulo	35 anos	500 mil reis
Raimundo Mulato	40 anos	380 mil reis
Angelo Crioulo	36 anos	400 mil reis
Augusto Crioulo	35 anos	500 mil reis
Manoel da Silva (não identificado)	28 anos	350 mil reis
Ricardo Crioulo	20 anos	400 mil reis
Thomaz Crioulo	20 anos	400 mil reis

Lino (não tem nacionalidade)	22 anos	400 mil reis
Serafim Crioulo	16 anos	400 mil reis
José Cambute (não identificado)	16 anos	400 mil reis
Ludovico (não identificado)	15 anos	350 mil reis
Candido Mulato	20 anos	150 mil reis
Alexandre (não identificado)	12 anos	250 mil reis
Bonifacio Crioulo	15 anos	250 mil reis
Teodorio Crioulo	14 anos	250 mil reis
Pedro (não identificado)	13 anos	250 mil reis
Jovencio Crioulo	13 anos	250 mil reis
Severo Crioulo	11 anos	200 mil reis
Sebastião Crioulo	11 anos	200 mil reis
Fructuozo (não identificado)	11 anos	200 mil reis
Geraldo (não identificado)	10 anos	200 mil reis
Samuel (não identificado)	10 anos	200 mil reis
Jezuino Crioulo	07 anos	150 mil reis
Elias (não identificado)	07 anos	150 mil reis
Liberato (não tem nacionalidade)	06 anos	150 mil reis
Jaime (não identificado)	06 anos	150 mil reis
Agostinho Cafús	04 anos	100 mil reis
Martiniano Crioulo	04 anos	100 mil reis
Clemente Crioulo	02 anos	80 mil reis
Felismano Cafús	02 anos	80 mil reis
José Cafús	01 ano	60 mil reis
Tino Crioulo	10 anos	200 mil reis
Manoela (não identificado)	60 anos	80 mil reis
Florinda Africana	70 anos	80 mil reis

Fonte: Inventário de Simplício da Silva Cardoso do ano de 1852.

Assim a fortuna obtida de Simplício da Silva na soma dos seus escravos é de 10,530 dez conto quinhentos e trinta mil reis.

Neste inventário os únicos escravos que aparecem estando doentes são o Garcia Africano, Mauricio Crioulo e Francisco Longá Crioulo estão descritos como

“quebrados”, não se diz em qual parte do corpo ele refere-se a estar quebrado, mas ressalta-se aqui também que suas idades variam entre 48 a 55 anos, idade esta que para escravos homens que passavam a maior parte do tempo trabalhando nas lavouras, estes já não teriam mais tanta condição física para o trabalho braçal, no caso de Joaquim Muniz Africano estando com a perna inchada ainda custava 240 mil reis, é de se admirar que entre seus 44 escravos só apareçam 04 estando em estado de enfermidade, não se tem registro de algum escravo cego, pelo que se pode pensar é que Simplício talvez investisse nos seus escravos, e não lhes maltratavam muito, pois na historiografia brasileira a maioria das enfermidades que os escravos possuíam era em decorrência de castigos de fugas na tentativa de resistir ou de não querer mesmo fazer o que seu senhor mandava.

Neste inventário vemos que a composição dos escravos de Simplício da Silva era a maioria homens, por isso que o seu valor de fortuna para com os seus escravos foi tão alto, destaco aqui o valor de 02 escravos que nos chama a atenção, um é o escravo Calito Crioulo e o Augusto Crioulo que estão ambos com 35 anos e avaliados em 500 mil reis, no documento não há registro de especificidade dos mesmos para estarem valendo esta quantia, pois há relatos em obras que tratam sobre isso que dependendo do que o escravo era específico para tal atividade ele valia mais que os outros, ou então dependendo do lugar de onde vinham, mas no caso específico os 02 escravos são crioulos e estes escravos eram os nascidos nas Américas.

Os escravos que não foram identificados por nenhuma nacionalidades no inventário são ao todo 11 como citei anteriormente, e estão avaliados em bons valores, os escravos entre 15 e 28 anos avaliados em 350 a 400 mil reis, entre 12 e 13 anos 250 mil reis, entre 10 e 11 anos 200 mil reis, e os de 06 a 07 anos em 150 mil reis e uma escrava de 60 anos no valor de 80 mil reis.

O que nos chama a atenção para o inventário de Simplício da Silva Cardoso é a pouca presença de mulheres escravas, levando também em consideração que as 02 que aparecem já são de idades avançadas, pelo que parece o senhor Simplício da Silva não era muito de deixar formarem-se famílias escravas em suas fazendas, isso pode ser percebido até mesmo na falta de mais mulheres no seu inventário, pois na obra de (FREYRE, 2006), ele nos fala de relações entre os escravos dentro das senzalas, e no caso de Simplício da Silva talvez ele evitasse estas formações familiares para não ter complicações e nem trabalhos na hora de efetuar as suas trocas comerciais entre outros senhores.

Outro ponto que nos chama a atenção para este inventário é que diferentemente dos outros dois inventários, o de Archangela Pulguna Castelo Branco e Benedito Rego não se tem registro de escravos com sobrenomes como temos no caso do inventário de Simplício Cardoso, são 06 escravizados que tem sobrenome, sendo estes os escravizados, Francisco Longá Crioulo, João Theodózio Africano, Joaquim Muniz Africano, José Cazacão Africano, Manoel da Silva (não identificado), José Cambute (não identificado), sendo que isto vir com sobrenome era quando o senhor lhe colocava o seu sobrenome no seu escravo, mas neste caso temos 05 sobrenomes diferentes e que não se encaixam ao seu dono que é o senhor Simplício da Silva, pois dos 06 escravos o único que pode ter recebido o nome de seu dono propriamente foi o escravo Manoel da Silva.

Pela quantidade de escravos homens na fazenda de Simplício da Silva, deduzimos que seus trabalhos estariam mais voltados ao trabalho nas plantações, pois os escravos homens estavam mais propícios a trabalharem nas lavouras, ou cuidando do gado, já que por aqui a principal atividade que desenvolvia a região era a plantação, ou o cultivo da terra e a criação bovina.

Quando os escravizados apareciam com enfermidades, elas são citadas, como é o exemplo dos escravizados Garcia Africano e Maurício Crioulo que aparecem no inventário de Simplício Silva, que no documento aparece o termo “quebrado”, mas não se dizia como estas tais enfermidades eram adquiridas, o que podemos também pensar que foram marcados com tais males através de alguma desobediência, ou melhor, de uma resistência contra o sistema que lhe oprimia, e para o seu senhor não cabia dizer como ele chegou a adquirir tal enfermidade, mas sim perceber quanto iria valer sua “propriedade”, já que estar em perfeita condição física implicava em um valor mais alto para o escravizado.

Outro fato que nos chama a atenção é, embora, Benedito José do Rego sendo homem ele chega a ter menos escravos que Archangela Pulguna Castelo Branco, pois esta tem 12 escravos e Benedito Rego só tem 07 escravos, sendo um com carta de alforria, e com isso a Archagela Pulguna tem 05 escravos a mais que Benedito Rego, talvez isso se der por que ela é compõe uma das famílias mais ricas que fizeram morada na Vila de Santo Antonio do Surubim, ela fazia parte da família dos Castelo Branco, uma família com grandes influências na região.

Chamou-nos atenção ainda é que temos nestes inventários o valor de escravas nas faixas etárias de 18 a 21 anos avaliadas em 400 mil reis, muitas vezes elas

valem mais que alguns escravos, e com isso indagamos que, ter uma escrava desta idade na sua fazenda era muito importante por que ela além de trabalhar na casa grande ainda poderia ser uma escrava parideira, já que aos olhos do senhor de engenho ter este tipo de escravos na sua fazenda era uma garantia de fazer com que seus “estoques” de escravos estariam garantidos.

Sobre o aspecto dos valores entre os escravizados, concluímos que o seu valor dependia muito de qual condição ele estava submetido, ou seja, como estava sua condição física, pois era através disso que se percebia se o escravizado estava ou não apto para possíveis trabalhos nas fazendas a qual ele poderia assim chegar. E sobre as outras indagações como, se estavam casados ou solteiros? Em que trabalhavam? Feitas no início deste trabalho a respeito dos escravizados, não tivemos estas informações, pois parece nos aqui que o mais importante era saber se a “mercadoria” estava em boas condições.

CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Assim, concluímos por meio das análises destes inventários que ainda existe uma grande problemática em descrever informações sobre os escravizados que aqui chegaram, pois muitas das informações que são necessárias, muitas vezes não se encontram nestes documentos, como nos casos aqui encontrados, fala-se de escravizados, de seus sexos, de suas idades, de seus valores, mas em alguns casos não se sabe de onde veio tal escravizado por que nestes documentos o essencial para os senhores e descrever como estavam suas “mercadorias” se estas estavam em perfeitas ou em más condições de uso, pois isto era um fator de grande influência na avaliação de sua propriedade, sendo que se este tivessem enfermidades, poderia ter certeza que seu valor correspondia a seu estado físico.

A partir destes três inventários pode-se perceber que ainda temos muito a descobrir sobre estes escravizados nos inventários, e que a partir deste tipo de documento que se inseri para o estudo dos escravizados podemos ver que ainda existem muitas lacunas a serem preenchidas sobre o regime escravista nas terras dos carnaubais, e a partir da omissão de algumas informações vemos que se torna tão difícil compreender mais como foi o sistema escravista nas terras campomaiorenses.

E assim neste cruzamento de dados destes três inventários analisados pode ser observado que foram encontrados 63 escravizados, bem todos devem ter vindos de

regiões diferentes da África, mas em nenhum momento isto foi descrito nos inventários, e destes 63 ainda damos destaques para os 14 escravizados que não foram identificados sua etnia, pois os demais, Crioulo, Mulato, Cafuzo e Africano já apareceram em outros documentos, como no caso de documentos analisados do Arquivo Ultramarino “Projeto Resgate”, estes quatro tipos são comuns, já estes 14 são a primeira vez que os encontramos, e com isso percebemos a necessidade de um estudo mais avançado a cerca destes 14 escravizados encontrados nos inventários de Benedito José do Rego e Simplício da Silva Cardoso, e com isso melhorando estes estudos frente à identificação para os 14 escravizados poderemos perceber quem sabe talvez mais uma etnia ou nação da África ou então uma mistura de África/Brasil que se constituiu aqui no Brasil e ainda não foi feito estudo dos mesmos.

REFERÊNCIA

Arquivo Público do Estado do Piauí– APEPI

Caixa. 48. Campo Maior. 1852-1857.

BIBLIOGRAFIA

BARROS, Antonio Evaldo Almeida. *O Processo de formação de “identidade maranhense” em meados do século XX*. In: Revista do Núcleo de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais/Universidade Federal de Sergipe Nº 1 (1998). São Cristóvão-SE, NPPCS/UFS, n. 17 jul./dez., 2010. P 183-231.

BARROSO JUNIOR, Reinaldo dos Santos. *Nas rotas do atlântico equatorial: tráfico de escravos rizicultores da Alta-Guiné para o Maranhão (1770-1800)*. Salvador: UFBA. 2009.

BRANDÃO, Tanya Maria Pires. *O escravo na formação social do Piauí: perspectiva histórica do século XVIII*. Teresina: Editora da Universidade Federal do Piauí, 1999.

COSTA, Francisca Raquel da. *Escravidão e conflitos: cotidiano, resistência e controle de escravos no Piauí na segunda metade do século XIX*. Teresina: EDUFPI, 2014.

D’ONOFRIO, Priscilla Bitar; NAMORATO, André Fernando Reusing. *Aspectos gerais da qualidade de Inventariante*, In: Almeida Guilherme Advogados. Disponível em: http://www.aglaw.com.br/artigos/25_inventariante.pdf, acessado dia 13 de abril de 2015.

DRESCHER, Seymour. *Abolição: uma história da escravidão e do antiescravismo*. São Paulo: UNESP. 2011.

FARGE, Arlete. *O sabor do arquivo*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

FREYRE, Gilberto, 1900-1987. *Casa-grande e Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*, 51ª Ed. Ver. São Paulo: Global, 2006.

LIMA, Solimar Oliveira. *Braço forte: trabalho escravo nas fazendas da nação no Piauí: 1822-1871*. Passo Fundo: UPF, 2005.

MOTA, Antonia da Silva. *As famílias principais: redes de poder no Maranhão colonial*. São Luís: Edufma, 2012.

MOTT, Luís R.B. *Piauí Colonial: população econômica e sociedade*. Teresina, Projeto Petrônio Portela, 1985.

SILVA, Mairton Celestino. *Batuque na rua dos negros: cultura e política na Teresina da segunda metade do século XIX*. Salvador-BA, Universidade Federal da Bahia, Programa de Pós-Graduação em História. 2008.

SOUSA FILHO, Benedito. *Entre dois Mundos: escravidão e a diáspora africana*. (Org). - São Luis: EDUFMA, 2013.